

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ  
CAMPUS DE CAICÓ – DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DO CERES  
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-  
BRASILEIRA

GISLENE ALVES DA SILVA COSTA

**AS VOZES LITERÁRIAS DAS MULHERES AFRICANAS E  
AFRODESCENDENTES: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

CAICÓ  
2016

GISLENE ALVES DA SILVA COSTA

**AS VOZES LITERÁRIAS DAS MULHERES AFRICANAS E  
AFRODESCENDENTES: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade Artigo, apresentado ao Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Campus de Caicó, Departamento de História, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Santana Souza

CAICÓ  
2016

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>03</b>
<b>2 AFROFEMININAS: PELA VISIBILIDADE ESCOLAR DAS ESCRITORAS NEGRAS.....</b>	<b>05</b>
<b>3 SER PROTAGONISTA: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>11</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

# AS VOZES LITERÁRIAS DAS MULHERES AFRICANAS E AFRODESCENDENTES: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

COSTA, Gislene Alves da Silva<sup>1</sup>

SOUZA, Ana Santana - Orientadora<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho ressalta a importância de refletir sobre a escrita feminina no contexto das representações das raízes africanas e afro-brasileiras, evidenciadas pela obrigatoriedade do ensino de história e cultura africanas, conforme orienta a Lei 10.639/03. Para efetivação da lei, é necessário que a importância da cultura africana e afro-brasileira sejam ratificadas nos materiais didáticos no sistema de ensino brasileiro. Nesse sentido, a literatura tem um papel fundamental na luta pela igualdade de direitos, especialmente das mulheres negras que reivindicam seu espaço como escritoras. Desse modo, o objetivo da pesquisa consiste em analisar a abordagem que o livro didático *Ser protagonista: língua portuguesa* (2013) faz da literatura africana e afrodescendente de autoria feminina. A fundamentação teórica se constituiu de autores como Carneiro (2003), Evaristo (2005), Job (2015), além de documentos como *as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (BRASIL, 2004). Compreende-se que este trabalho é relevante para os estudos realizados pela comunidade acadêmica, proporcionados pelo curso de “Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira”, bem como para profissionais da educação e pesquisadores interessados no assunto abordado. A pesquisa identificou que o livro didático analisado não favorece a difusão e valorização da literatura escrita pelas mulheres negras africanas e afro-brasileiras.

**Palavras-chave:** Literatura. Afrofemininas. Livro didático.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho ressalta a importância de refletir a escrita feminina no contexto das representações das raízes africanas e afro-brasileiras que necessitam ser

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), Campus de Caicó, Departamento de História (DHC). Graduado em Letras Literatura pela UFRN, CERES, Campus de Currais Novos. Professor da Rede Estadual de Ensino, na Escola Estadual Professora Iracema Brandão de Araújo, (Acari-RN), onde ministra a disciplina de Português e Artes. E-mail: gisleneacari@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora do DPEC, UFRN. E-mail: anasantanasouza@gmail.com

ratificadas nos materiais didáticos no sistema de ensino brasileiro. Nesse sentido, a finalidade é discorrer sobre a implementação do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, tendo o propósito de incentivar e valorizar a identidade, a história, a cultura, os valores sociais, garantindo com eficácia o reconhecimento de igualdade das relações étnico-raciais africanas.

Dessa forma, buscando refletir sobre a Lei 10.639 e seu impacto na escola, bem como discutir sobre a literatura escritas por mulheres, especialmente africanas e afrodescendentes e sua inclusão na educação básica e identificar no livro didático textos literários de autoria feminina afro, bem como as respectivas atividades relacionadas ao tema.

Destaca-se, então, o livro didático que se constitui como um auxílio na contribuição da prática docente. Nesse sentido, surgem alguns questionamentos: o livro didático aborda a literatura africana e afrodescendente? Qual o destaque que ele oferece à literatura afro feminina? Como as atividades são expostas e encaminhadas ao educando? A temática feminina é discutida e valorizada?

Mediante o art. 7, da Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História Cultura Afro-Brasileira e Africana “os sistemas de ensino orientarão e supervisionarão a elaboração e edição de livros e outros materiais didáticos, em atendimento ao disposto no Parecer CNE/CP nº 003/2004” (BRASIL, 2004a, p.2). Sendo a resolução de 2004, ela completou 10 anos em 2014. Embora não seja um espaço de tempo muito grande, se considerarmos que o livro didático é indicado para um triênio, consideramos que é um tempo suficiente para adequação dos livros didáticos ao que é postulado pelas diretrizes.

No contexto da inclusão da temática abordada, consideramos importante salientar e promover a oportunidade dos discentes conhecerem os diferentes discursos femininos, presentes nas diversas modalidades de gêneros textuais, no material e nos textos destinados ao tema de literatura africana e afrodescendente, reconhecendo e exercendo a igual valorização da mulher negra na literatura.

A inclusão, na escola, de uma bibliografia que exalte as vozes negras de autoras femininas tem a função de resgatar as obras silenciadas e pouco conhecidas de mulheres que contribuíram para a construção da literatura e que possuem um importante valor histórico cultural.

A metodologia utilizada para a elaboração da pesquisa é constituída por fonte primária, ou seja, o livro didático, e fontes secundárias, como artigos e livros sobre o tema escolhido. Assim, o estudo se classifica como uma pesquisa bibliográfica, pois busca descrever a respeito do tema tratado com base em material já elaborado. O material foi selecionado conforme o propósito destacado nos objetivos. Foi escolhido um livro didático de Língua Portuguesa, do 3º ano do Ensino Médio, pois é comum que no final desse nível de ensino é que seja tratada a literatura do século XX. O livro analisado, intitulado *Ser protagonista: Língua Portuguesa*, é uma obra coletiva desenvolvida e produzida por edições SM, publicada em 2013, sob a edição de Rogério de Araújo Ramos<sup>3</sup>.

O livro foi selecionado por duas razões principais: primeiro pelo título, pois “ser protagonista” sugere que a obra poderia trabalhar na perspectiva do protagonismo do aluno, mas esse protagonismo poderia ser estendido também para a mulher; depois pelo período, 2015 a 2017, para o qual foi selecionado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD)<sup>4</sup>. Esse período indica que a obra é utilizada nos dias atuais.

Para atingir a proposta, o presente artigo abordará a seguinte estrutura: no primeiro momento será abordada a importância da presença na escola da literatura de autoria de mulheres negras. Posteriormente, será realizada uma análise do livro didático com o objetivo de analisar a abordagem que ele faz ou deixa da literatura africana e afrodescendente de autoria feminina.

## **2. AFROFEMININAS: PELA VISIBILIDADE ESCOLAR DAS ESCRITORAS NEGRAS**

Segundo a Lei nº 10.639/03, todas as escolas da educação básica, privadas ou públicas, devem incorporar em suas práticas de ensino a história e cultura africana e

---

<sup>3</sup> O livro não indica, na ficha catalográfica, nenhum autor principal, apesar de listar, em ordem alfabética, 8 pessoas na elaboração de conteúdos. Como Rogério de Araújo Ramos consta como editor, a referência da obra será dada pelo título principal *Ser protagonista*, seguida da data de publicação (2013).

<sup>4</sup> O PNLD, ao distribuir livros didáticos aos alunos da educação básica, objetiva subsidiar o trabalho dos professores. O Programa faz essa distribuição mediante o Guia de Livros Didáticos, pelo qual os professores selecionam livros a partir das resenhas das coleções aprovadas. A aprovação é feita por meio de uma rigorosa avaliação. Cada coleção é aprovada para um triênio. Os livros distribuídos deverão ser conservados e devolvidos para utilização por outros alunos nos anos subsequentes. (<http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>)

afro-brasileira. Dessa forma, objetiva-se sanar o preconceito e efetivar ações que modifiquem o cenário de inferiorização da comunidade negra.

Apesar da educação ser um espaço multicultural de diferentes grupos culturais, sociais, percebe-se que eles ainda são invisíveis, apesar da implementação da lei. Os currículos escolares, especialmente na literatura, ainda não estão adaptados e muitos ainda estão baseados no modelo eurocêntrico, isto é, nos modelos prestigiados das produções culturais das sociedades brancas e tradicionais, cujas obras consagradas representam o negro em condição subalterna.

Isso é uma questão de currículo. Lopes, sobre os currículos, prepondera:

Ao longo dos anos, os currículos foram sendo construídos, tendo por base um modelo eurocêntrico, o que significa ter tornado o homem branco como referência para a construção das propostas de ensino e aprendizagem. Tomar consciência de que o Brasil é um país multirracial e pluriétnico, portanto, reconhecer e aceitar que, nesta diversidade, negros e indígenas também desempenham papéis relevantes e substantivos, são aprendizagens que precisam ser realizadas e que convergem para a educação das relações étnico-raciais (...). (LOPES, 2006, p. 29 e 30)

Sabemos que a educação escolar deve contribuir para que crianças, jovens e adultos possam participar, com autonomia, responsabilidade, criticidade e criatividade, das variadas práticas sociais. Cabe ao componente curricular de Língua Portuguesa, em articulação com os demais componentes curriculares da educação, proporcionar aos estudantes experiências que ampliem possibilidades de ações que contribuam para seu desenvolvimento enquanto aluno e cidadão. Assim, ao mesmo tempo em que se pretende que esses jovens aprendam a construir sentidos coerentes, a escrever e a falar, produzindo textos adequados a situações de interação mútua, também se espera que possam se apropriar de conhecimentos relevantes para a vida. Para isso, é necessário que seja oportunizado ao aluno um currículo que lhe dê condições de tomar consciência de que o Brasil é um país construído na diversidade, em que diversas etnias participam da configuração nacional, incluindo as mulheres, em especial as mulheres negras, descendentes de africanos e que contribuíram para a disseminação de uma cultura, mas, não raramente, estão à margem inclusive de outras mulheres, pois as mulheres negras, além do preconceito de gênero sofrido pelas mulheres em geral, sofrem também o de cor (CARNEIRO, 2003).

A educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania que vai muito além do direito e dever no âmbito individual, é preciso se pensar no coletivo, nesse sentido só existe uma cidadania

consciente se os cidadãos reivindicarem a construção de uma sociedade igualitária, sem estereótipos, sem conceitos pejorativos, assegurando a igualdade de condições de cidadania, garantindo igualdade no direito de conhecimento das diferentes culturas que compõe o Brasil.

É importante salientar que a sociedade necessita passar por uma mudança de conscientização, tanto na luta pela igualdade, como no respeito à diferença, mudando-se práticas e construindo discursos, no sentido de uma cidadania inclusiva e coletiva. Cabe à escola, que é uma janela aberta para o mundo, viabilizar meios para que o aluno se forme e se informe como participante no processo como cidadão crítico e consciente. O desconhecimento dos direitos humanos se constitui como um erro que conduz a atos desumanos de preconceito, discriminação e violência. Vivemos em um mundo em que o direito de comunicar, de se expressar livremente está ameaçado, por conceitos estabelecidos por pessoas que proclamam discursos arcaicos, que criam estereótipos negativos e propagam o preconceito em todas as suas vertentes. Segundo Rocha (2008, p. 58)

Considerando a escola como o espaço na qual estereótipos, preconceitos e práticas discriminatórias são desconstruídas, ela reúne instrumentos pedagógicos que viabilizam esse propósito a partir da reflexão dos profissionais que a compõem. Docentes e técnicos podem “pôr abaixo” grande parte dos entraves interpostos às populações afrodescendentes que as impedem de viver plenamente a cidadania. A apresentação positiva da História e da cultura dessas populações é uma das estratégias a serem colocadas em prática de modo efetivo e consecutivo.

A educação tem sido entendida como um processo de desenvolvimento humano, além de um direito social. É imprescindível que a educação promova a transformação social, fundamentando-se nos princípios de dignidade humana, igualdade de direitos, reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades, na democracia na educação, entre outros.

Já se sabe que os direitos humanos incluem o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre muitos outros. Ou seja, todos merecem estes direitos, sem discriminação. Dessa forma, é imprescindível respeitar o outro, compreendendo que a escola requer uma postura ética que valorize as culturas, extinguindo qualquer forma de preconceito. Como é exposto na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 de 20 de dezembro de 2013, “a educação é um direito inalienável de todos os cidadãos”, neste



segmento faz-se necessário o pleno exercício dos direitos dos discentes, sejam eles sociais, civis, humanos, dentre outros.

Assim, a educação compreende-se como sendo um espaço de socialização das diversas culturas, etnias, religiões, espaço este que será construído conhecimentos e valores, tendo como foco o pleno desenvolvimento da pessoa para o exercício da cidadania. Nesse horizonte, a finalidade da educação em direitos humanos é a formação para a vida e para a convivência, no exercício cotidiano dos direitos humanos como forma de vida e de organização social, política, econômica e cultural. A escola, enquanto instituição social responsável, deve assegurar o direito à educação a todo e qualquer cidadão, sendo preciso reconhecer, valorizar e respeitar os conhecimentos e saberes construídos pelos africanos e seus descendentes.

De acordo com o Parecer 003/2004, do Conselho Nacional de Educação, aprovado em 10 de março de 2004, acerca das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (BRASIL, 2004b, p. 4), é preciso o reconhecimento da história e cultura do povo negro e, segundo o Parecer:

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento, causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura dos seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra.

Nesse horizonte, a literatura pode desempenhar um papel fundamental para o reconhecimento e valorização da cultura africana e afrodescendente, na medida em que ela pode promover reflexões em torno de diferentes modos de vida, principalmente quando a autoria das obras é de pessoas que vivenciam a experiência de ser negro em uma sociedade. Por outro lado, a presença de obras de autores negros é uma proposta de afirmação que pode contribuir para desfazer a imagem de negro apenas como escravo, subalterno, mas sim como um povo que também produz arte.

A literatura africana e afro-brasileira é uma importante área de estudos que aos poucos vêm ganhando êxito na difusão da cultura negra. O estudo relacionado a esse assunto tem repercutido e tornado evidente por parte de vários autores afro-brasileiros das mais diversas áreas de estudos e pesquisas. Essa arte literária é constituída de uma

fonte de saber e conhecimento que abrange tanto a história e cultura afro-brasileira como também africana. Esses conhecimentos foram trazidos pelos escravos africanos no período colonial brasileiro e, conseqüentemente, incorporado pelos afro-brasileiros (MUNANGA, 1996).

Certamente, a literatura se constituiu num aspecto extremamente importante no que diz respeito à criação de pilares que sustentarão a luta das mulheres pela igualdade de direitos, especialmente das mulheres negras que buscam, nesse contexto, atenção à especificidade de suas reivindicações. Conforme Job (2015, p.59)

É preciso refletir sobre a relevância das propostas feministas para as conquistas das mulheres (negras e brancas) na literatura e ressaltar particularidades sobre obras e/ou escritoras afro-brasileiras como forma de dar visibilidade a algumas delas e ratificar o resgate de outras.

Assim sendo, na formação leitora em torno desses livros, deve-se reconhecer e apontar abordagens que identifiquem materiais e livros adequados, promover boas práticas de leitura, capazes de questionar e desconstruir mecanismos e práticas racistas e discriminatórias. Trata-se de criar e promover espaços voltados à equidade social e étnico-racial (SOUZA, 2005, p. 1).

As práticas educativas deveriam elucidar e libertar as mulheres que são minorias ainda no processo educacional. Isso decorre da ausência de discussões de gênero na escola, o que dificulta a luta contra a opressão e a discriminação. Ponderar sobre a mulher negra no Brasil é discorrer uma história de exclusão, onde as variáveis de gênero e raça são estruturantes das desigualdades. É sobre a mulher negra que incide todo peso do legado colonial, onde o sistema patriarcal sustenta-se solidamente com a herança do sistema (BAIRROS, 1995, p. 63).

A mulher busca conquistar um espaço igualitário ao longo de toda a sua trajetória, pela qual a sua cidadania vai ser respeitada categoricamente, valorizando-se todo o seu conhecimento como autora que luta para enfrentar o imobilismo social dos preconceitos enraizados. Compreende-se que a inclusão de uma bibliografia que exalte as vozes de autoras femininas afro tem a função de resgatar as obras silenciadas e pouco conhecidas de mulheres que contribuíram para a construção da literatura e que possuem um importante valor histórico cultural. É preciso construir um discurso de ruptura do modelo patriarcal e afirmação da literatura feminina, especialmente das mulheres negras.

A literatura produzida por mulheres negras, no ambiente da sala de aula, contribui para a redução da desigualdade de gênero e o enfrentamento do preconceito e da discriminação étnico-racial, visando uma educação equânime. Esses textos literários podem ajudar a eliminar e/ou problematizar os conteúdos sexistas e discriminatórios que rondam as representações simbólicas e o imaginário brasileiro, sejam nos livros didáticos, na mídia, nas músicas, entre tantos outros. (PEIXOTO; PEREIRA, p. 39)

É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve essa discussão na sociedade e no espaço educacional brasileiro, sobre visualizar e reconhecer a mulher afrodescendente e afro-brasileira como escritora. Esta situação decorre de uma sociedade baseada no discurso patriarcal, machista, preconceituoso, no qual a mulher ainda busca por espaço.

As escritoras negras não têm sido valorizadas, os seus textos literários, na maioria das vezes, são ignorados ou tidos como literatura de “inferior qualidade”. Conforme Evaristo (2005, p. 54) “se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura”.

Quando se trata da representação da mulher negra, os perfis femininos em muitos textos da tradição patriarcal aparecem vinculados às representações estáticas em um imobilismo social, cultural e político. É preciso respeitar e reconhecer as contribuições femininas nos eventos acadêmicos, literários e culturais, rompendo com o estereótipo de mulher frágil, que não possui subsídios para a escrita.

Escrevendo da perspectiva “mulher” e “negra”, escritoras de origem africana tais como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Lia Vieira, Sonia Fátima da Conceição, Geni Guimarães, entre outras, examinam a individualidade e as relações pessoais como uma forma de compreensão de questões sociais complexas, tais como a vida à margem nas grandes cidades, o preconceito nas situações mais corriqueiras do dia a dia, a exclusão já presente nos livros escolares. Narram sob ótica nitidamente feminina, problemas do cotidiano das mulheres negras, em formato repleto de poesia, e pleno de referências culturais, que buscam momentos fortes de uma cultura que se reconstitui (SALGUEIRO, 2001, p. 2).

Caberá ao sistema educacional, com base na obrigatoriedade de inclusão, inserir a literatura feminina afro nos materiais pedagógicos. Em outras palavras, cabe ao sistema de ensino, promover a discussão sobre a construção da literatura feminina e seu reconhecimento. Nessa medida, as mulheres africanas e afro-brasileiras procuram conquistar a visibilidade merecida como escritoras. Compreende-se dessa forma que o livro didático é um suporte pedagógico eficiente que pode auxiliar nessa conquista, em especial na educação brasileira.

O rompimento da imagem negativa e da ideologia de embranquecimento do negro e da sua literatura pode se dar pela inclusão nos livros didáticos da produção literária das mulheres negras. Ao se dar visibilidade ao seu trabalho, caminha-se no sentido de afirmação da cultura negra com a qual as mulheres tanto têm contribuído. Conforme o exposto, os livros didáticos são, inúmeras vezes, instrumentos de reprodução ideológica, de preconceitos, mas eles também podem servir como instrumentos para a conscientização, reflexão e questionamento dos problemas da realidade social, do preconceito e da discriminação. Para que isso ocorra é necessário que sempre estejam passando por constantes análises, para que possam realmente ser uma ferramenta de conscientização e reflexão na propagação da História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

### **3. SER PROTAGONISTA: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Para desenvolver a análise, foi proposto o estudo de um livro didático. Antes da análise, cabe um olhar sobre o papel do livro didático na escola.

Pela temática abordada neste artigo, o livro didático publicado depois da Lei 10.639 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) devem promover práticas pedagógicas que levem ao reconhecimento, à valorização e à divulgação dos processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas. Inclusive no que tange ao reconhecimento da literatura africana e afrodescendente feminina.

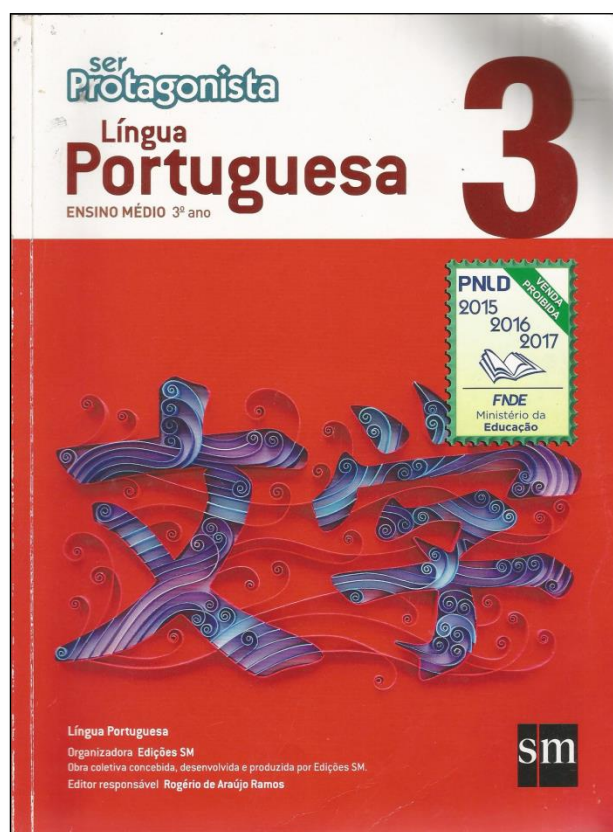
Nessa perspectiva, o livro didático tem uma ação muito relevante no sistema educacional brasileiro. Assim, depreende-se que a escola possui um importante instrumento pedagógico, mas ele pode ser uma poderosa arma contra o preconceito e discriminação, como pode gerar a exclusão das escritoras afro-brasileiras e africanas negras, reforçando a mordada ideológica criada através do tempo em que o homem é tido como superior em sua escrita.

Reconhece-se a importância que o livro didático tem na formação das crianças e jovens, mas ele não pode ser entendido como um instrumento isolado, sem que o

professor utilize outros recursos em sala. Muitos professores consideram que o livro didático distancia o aluno da realidade, pois apenas traz trechos de textos, ou pedaços de frases nos exercícios, ou seja, é descontextualizado, fazendo com que o aluno veja tudo fragmentado; porém, é preciso enfatizar que o livro é apenas um “auxiliador”, isto é, ele ajuda o professor na mediação (construção) do conhecimento, e por isso (ainda que nem todos os docentes o utilizem como tal) ele não deve ser a única forma de pesquisa e estudo, cabendo ao docente introduzir outras formas de aprendizado, especialmente no que diz respeito à leitura e produção de textos orais e escritos. (IZIDORIO, 2012, p. 28).

Partindo dessas considerações, analisamos o volume 3, da coleção *Ser protagonista* (2013), para o triênio 2015-2017.

**Ilustração 1:** Capa do livro didático da coleção *Ser protagonista*



**Fonte:** Livro didático “Ser protagonista: Língua Portuguesa”

O livro, com 400 páginas, divide-se em três partes- Literatura, Linguagem e Produção de Texto, subdivididas em unidades e capítulos. Tendo 39 capítulos, distribuídos em 15 unidades. A parte de literatura é intitulada “Literatura: autonomia e competência expressiva” e reúne 7 unidades assim organizadas:

Unidade 1: O pré-modernismo: 2 capítulos.  
 Unidade 2: Manifestações do moderno: 2 capítulos.  
 Unidade 3: Modernismo no Brasil: primeira fase: 3 capítulos.  
 Unidade 4: Modernismo no Brasil: segunda fase: 6 capítulos.  
 Unidade 5: O modernismo no Brasil: terceira fase: 5 capítulos.  
 Unidade 6: Tendências da literatura brasileira contemporânea: 1 capítulo  
 Unidade 7: Panorama das Literaturas africanas de Língua Portuguesa: 1 capítulo.

Como se vê, cada unidade se subdivide em capítulos e cada um possui 5 partes: 1. *Sua leitura*, contém textos literários e imagens; 2. *O contexto de produção*: fala sobre as produções literárias e seu contexto histórico e cultural 3. *Ferramenta de Leitura*, mostra conceitos de outras áreas das ciências humanas que podem enriquecer a leitura literária 4. *Entre Textos*, tem a função de complementar o que foi exposto anteriormente com textos, imagens, trechos de obras; 5. *Enem*, com o objetivo de contribuir com questões. É importante destacar que cada unidade é intitulada pelo assunto que será tratado na parte da literatura e que as mesmas se encerram com questões do vestibular, ou do vestibular e Enem, relacionadas ao tema da unidade.

A análise indica que, em cada unidade, são abordados autores representativos da época literária que está sendo objeto de estudo. A abordagem sobre a literatura africana de expressão portuguesa compõe apenas um capítulo da unidade 7 intitulada “Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa”; com o capítulo iniciado na página 179 intitulado “Literaturas Africanas- reconstrução de identidades”, sendo concluído na página 191.

Constatamos que desde a primeira unidade intitulada pré-modernismo, até a 7 unidade ponderava-se sobre o negro, como exemplo os poema de Raul Bopp, que na publicação *Uruncungo*, em 1992, fala sobre a escravidão, sobre a identidade negra e o comportamento da senhora branca com seus escravos, como posteriormente fala sobre os romances de Jorge Amado, mostrando que as principais marcas da sua escrita são as denúncias do sofrimento de negros baianos, prostitutas e outros que vivem à margem da sociedade. O livro menciona ainda Jorge de Lima, em *poemas negros*, que denuncia o processo de marginalização sofrido pelos negros no Brasil, dentre outros aspectos.

Mas é apenas no capítulo 20, da unidade 7, que há uma discussão sobre a produção oral e a escrita, seguida, de uma abordagem sobre a literatura, sobre o contexto histórico, cultural, sobre o papel da tradição, e sobre as vozes da identidade literária cultural africana.

O que se segue expõem informações sobre a literatura de Angola, Moçambique e Cabo Verde, mas com o destaque para os autores homens daqueles países, respectivamente dando ênfase a Mia Couto, José da Silva Maria Ferreira, Arthur Maurício Pestana dos Santos, José Eduardo Agualusa. É com a obra desses autores que o capítulo aborda a construção da identidade nacional a partir de suas contribuições, como se a nação fosse construída por homens. É sua produção que possibilita se pensar uma nação livre. No livro analisado, destaca-se a influência que a literatura brasileira da década de 1930 exerceu sobre os escritores africanos como Mia Couto. Lendo os brasileiros como Jorge Amado, eles passaram a ver seu próprio povo e a escrever uma literatura sobre a nação sobre a qual habitavam. Mas, e as mulheres?

Quanto às autoras africanas de expressão portuguesa, o livro didático silencia sobre o que as mulheres produzem nos países africanos de expressão portuguesa. Autoras reconhecidas internacionalmente, com publicações, pelos menos 10 anos antes da publicação do livro didático *Ser protagonista*, não foram mencionadas. Nomes como Ana Paula Tavares (Angola), Paulina Chiziane (Moçambique) e Vera Duarte (Cabo Verde), todas dos países africanos que o livro didático alcança, são autoras que em 2013, ano de publicação do livro analisado, já eram conhecidas nos grandes centros de estudos do território brasileiro, tais como Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, com produtos de pesquisa como o site literafro, na internet desde 2004.

Autoras como Vera Duarte contribuíram para a reflexão na literatura sobre a nação, como podemos ver nesses versos de *Morreu uma combatente*, de Vera Duarte:

Sol poente de domingo  
o dia a cambar  
e a peste a subir nos ares  
                  a encher  
                  a sufocar  
Na cidade ouve-se um grito  
- MORREU UMA COMBATENTE  
Morta jaz a meus pés a mulher indócil  
o corpo em espuma que me inebriou  
já não é!  
a luz fosforescente  
foi apagada por mãos cruéis  
Ah, tivera eu exércitos  
armados até aos dentes  
e lançar-me-ia  
          touro furibundo  
sobre os seus algozes  
- desditosa sina de amar a luta  
Teus cabelos se espalham  
          ensanguentados

sobre teu fato de guerrilheira  
e jazes inerte  
Mas em ti a vida se futurou  
e em mil manhãs de luz  
ela se multiplicará  
(DUARTE, 2008, p. 92)

Nesse poema, a mulher é uma combatente como os homens. A guerra é uma luta por uma nação, mas também pela sobrevivência das mulheres, multiplicadas pelas lutas de todas.

No livro didático analisado, apresenta-se um boxe *Repertório* presente em todas as unidades que trata ou estabelece relações com os temas estudados, apenas nesse local do capítulo 20, fala-se sobre uma cabo-verdiana que é Cesária Évora, contanto um pouco da sua expressiva história como cantora, e no final do boxe uma imagem da mesma em um show na Holanda, em 2005. Este é apenas o único momento que se fala de uma mulher no capítulo, que corresponde à literatura africana. Paralelamente é muito contraditório, pois ao iniciar a fala na unidade I, sobre o Pré-Modernismo, há uma afirmação de que é preciso valorizar a cultura popular, a luta pela independência do racismo e a mulher na literatura em transição. A afirmação é acompanhada da imagem de uma jovem negra, dançando em uma roda de samba durante a festa de Iemanjá em Salvador (BA).

### Ilustração 3: Boxe sobre Cesária Evora

**Contexto literário**

As literaturas africanas de expressão portuguesa abrangem obras que, em alguns séculos de domínio português "europeizante", traduzem certa "autenticidade" em temáticas específicas do período pós-colonial.

**Os sistemas literários africanos**

Com o desenvolvimento do ensino oficial, a expansão do ensino particular, a abertura da imprensa e a gradual conquista da liberdade de expressão criou-se um campo propício para a constituição dos sistemas literários africanos a partir da década de 1940. *Espontaneidade da minha alma* (1940), do angolano Amílcar Silva Maria Ferreira, foi o primeiro livro impresso na África lusófona. Escrita em língua do colonizador, a obra já não o temava como centro do universo. As produções posteriores mesclavam a língua portuguesa aos idiomas locais, dirigindo-se aos nativos e afastando-se do leitor europeu. Entre os anos 1940 e 1970, as lutas pela independência caracterizam uma produção literária de forte marca ideológica. Após 1975, embora essa preocupação social persista, ganham espaço nas obras algumas temáticas mais humanizadas. A África passa a se reescrever em suas literaturas e a se reposituar em relação à língua portuguesa.

Esse novo discurso não sustenta mais sua "autenticidade" na visão de mundo dividido entre o explorador e o colonizado; passa a abranger múltiplas formas de ver a realidade. Como disse o angolano José Eduardo Agualongo, os escritores africanos finalmente podem se posicionar como escritores e não como militantes.

Essas literaturas ainda circulam em espaços restritos do continente africano, em que a língua portuguesa e a cultura escrita não fazem parte do cotidiano de grande parte da população. Em Portugal e no Brasil, escritores de Angola, Moçambique e Cabo Verde ganham projeção cada vez maior, mas a produção literária de Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe ainda é pouco conhecida.

**O papel da tradição**

As literaturas ultramarinas e colonial, inscritas na tradição literária portuguesa, retratavam a África pela ótica do português colonizador. A literatura moçambicana rompe com essa tradição, buscando um modo próprio de relacionar com as culturas africanas e a língua portuguesa.

Para tanto, estabelece um intenso diálogo com a tradição oral, em um processo caracterizado pela **oralização** (apropriação dos elementos da oralidade pela escrita) e pela **remitologização** (recurso ao fantástico como forma de denunciar o absurdo da realidade, mas também de revelar princípios considerados imutáveis e eternos). Esse diálogo foi sintetizado em declaração do artista angolano Ondjaki: "a arte e expressão da modernidade, a modernidade e via de manutenção da tradição".

Também é digna de nota a relação entre as literaturas africanas e a literatura brasileira. Sobre essa proximidade, assim se manifestou o moçambicano José Craveirinha:

[...] Nós, na escola, éramos obrigados a passar por um Jolo de Deus, um Dom Dinis etc., os clássicos de lá [Portugal]. Mas chegou a uma certa altura que nós nos libertávamos e então enveredávamos para uma literatura "nossa". Graçalino Ramos e por aí fora. [...] A nossa literatura tinha reflexos da literatura brasileira. Então, quando chegou o Jorge Amado, estávamos em casa. [...]

Craveirinha, José Craveirinha. In: Castro, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e movimentos literários*. São Paulo: Áurea Editorial, 2005. p. 226.

**Repertório**

**Cesária Évora**

A cabo-verdiana Cesária Évora (1943-2011) foi considerada pela crítica uma das mais expressivas cantoras da chamada World Music e a "rainha da Morna", canção tradicional de Cabo Verde. Cesária também foi embaixadora da boa vontade pela Unesco. Veja um trecho da letra de uma das canções interpretadas por ela em crioulo.


*Sorte*

*Trinta e cinco anos depois*  
*El tchega na mim*  
*El rodal na bera d' muito*  
*cabo-verdiano*  
*Moda borleta*  
*El sentá na mim*  
*Li el otchá mal el otchá fel*  
*Qu' m casa ta guarda?*  
*El otchá-me pronto pé el*  
*Sorte di rha vida*  
*M' casa ta esperá-be*  
*Já bô tchega, dali bô ca tá Bai*  
[...]

[tradução]

Trinta e cinco anos depois  
Ela chega a mim  
Ela girava em torno de muito  
cabo-verdiano  
Tal uma borboleta  
Ela poussa em mim  
Ela aspergiu em mim mel e fel  
Eu estava a guardá-la  
E estava pronta para ela  
Sorte de minha terra  
Eu a estava esperando  
\*Você já chegou e agora  
Você não sairá mais daqui  
[...]

Sorte, Nílka, Cassino, Scollito. Sorte, In: *Craveirinha, José Craveirinha*. In: *Craveirinha, José Craveirinha*. Porto Leopoldina, 1999. 1 CD. Faixa 5.



Cesária Évora em show na Holanda, em 2005.

Fonte: Livro didático "Ser protagonista: Língua Portuguesa"



Se na obra não tem escritoras africanas, tem as mais conhecidas brasileiras: Raquel de Queiroz, Cecília Meireles e Clarice Lispector. Na unidade 5, no capítulo 16, intitulado “Clarice Lispector: a iluminação do cotidiano, apresenta um boxe indagando o aluno como ele vê a situação da mulher nos dias atuais e questionando se ainda existe preconceito de gênero na atualidade, que pode ser verificado na Figura 3. O boxe contém uma fotografia de Jane Fonda participando de uma manifestação nos Estados Unidos, em 1970, contra a guerra no Vietnã, e um texto sobre Clarice Lispector mostrando que sua obra teve papel fundamental no movimento de emancipação da mulher. Dessa forma, o espaço reservado para a literatura brasileira feminina da década de 30 é bem aproveitado, pois para as três autoras citadas, cada uma possui uma seção correspondente, com imagens, obras publicadas, suas trajetórias como escritoras, e todas as contribuições para a literatura brasileira.

**Ilustração 3:** Texto sobre Clarice Lispector e a imagem da militante feminina



**Fonte:** Livro didático “Ser protagonista: Língua Portuguesa”

Contudo, é como se não existissem escritoras negras no Brasil. Não há referências a escritoras afrodescendentes como, por exemplo, Carolina Maria de Jesus, contemporânea de Clarice e autora de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, obra publicada em 1960, chegando a vender naquele ano em torno de 100 mil cópias.

Também não há referência a autoras mais contemporâneas, como, por exemplo, Conceição Evaristo, uma das mais conhecidas escritoras negras brasileiras, que publica desde os anos de 1990<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Conceição Evaristo, entre outros escritores negros, faz parte de uma famosa antologia, intitulada *Cadernos negros*, organizada, periodicamente, pelo grupo paulistano Quilombhoje Literatura, criado nos

É desnecessário ressaltar que se o livro não abordou a produção literária de mulheres afros, muito menos iria conter atividades destinadas sobre suas obras, o que só intensifica o problema, pois não somente a leitura de obras de mulheres deixou de ser feita, mas também a reflexão sobre sua compreensão, coisa que daria ao professor condições de avaliar a percepção do aluno quanto à temática.

Quando na apresentação do livro didático, justifica-se que serão reconhecidos o contexto de produção dos países africanos lusófonos, bem como alguns autores da Angola, Moçambique e Cabo Verde, cuja produção literária de língua portuguesa alcançou projeção na atualidade, esperava-se que a produção literária feminina desses países fosse abordada no desenvolver do capítulo. Compreendemos que o livro didático é um suporte para o professor, e quando ele não tem espaço para literatura feminina afro, reproduz o preconceito e a desigualdade. Dessa forma, o livro didático, além de historicamente ter sido um reflexo do racismo, ele o é também do machismo, que são elementos estruturantes da sociedade em que vivemos. Por conseguinte, o espaço do ambiente escolar não estará isento dessas opressões.

Segundo Nascimento (2005), a agenda das entidades negras reivindicava o reconhecimento da cultura negra, os direitos e o respeito à mulher negra no mercado de trabalho e uma educação que promovesse a presença da cultura negra feminina nos currículos escolares.

Entretanto, a presença do discurso feminino na literatura escolar está sendo silenciado, a análise do livro didático evidenciou essa realidade, já que existe a ausência da literatura feminina afro e afrodescendentes, ressaltando a indigência de valorizar essa literatura que é de grande relevância e que ainda padece com excesso dos preconceitos de gênero e etnia.

O livro didático, ao focalizar apenas nos escritores masculinos da literatura africana, está excluindo e retirando o espaço das escritoras afros que vem requisitando reconhecimento ao longo de sua trajetória, tal predileção pelos autores mais prestigiados compreende-se como uma marca que embasa a exclusão da contribuição feminina na literatura. A crítica se constata mediante a análise feita. No livro analisado, os textos e/ou fragmentos apresentados para estudos são de autores prestigiados, o que silencia um vasto referencial de textos e autoras que vivem às margens da produção literária. Outra fragilidade dos livros didáticos, decorrente da ausência de escritoras

negras, é a falta da orientação de leituras críticas em relação à contribuição contemporânea feminina afro, o que possibilitaria ao aluno analisar e inter-relacionar as informações dos diferentes pontos de vistas acerca do assunto.

A literatura é um elemento relevante para a configuração identitária negra, a inacessibilidade da leitura/escrita nos livros didáticos de Língua Portuguesa exclui as representações das raízes africanas e afro-brasileiras. Nesse sentido, a literatura deixa de cumprir seu papel fundamental na luta pela igualdade de direitos, especialmente das mulheres negras que reivindicam seu espaço como escritoras.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A promulgação da Lei 10.639/2003 estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas, é importante salientar que a meta é o reconhecimento dos direitos dos negros se reconhecerem na cultura nacional, buscando o reconhecimento, a valorização no que diz respeito à educação. Mas é preciso ter consciência, que apenas a lei não irá mudar a realidade do sistema de ensino. E isto requer uma mudança nos discursos, que os educadores também combatam qualquer atitude de desrespeito e discriminação, que se valorize a igualdade de direitos, a dignidade humana, assim como, o reconhecimento e a valorização das diferenças e das diversidades. E que os currículos escolares se adequem a realidades de todos os alunos, independente de cor, raça, etnia, religião, dentre outros.

O princípio de igualdade faz parte da luta constante das mulheres africanas e afrodescendentes. É importante destacar que a lei contribuiu muito para o combate ao racismo e a discriminação, mas ainda é necessário reeducar o sistema de ensino educacional brasileiro, para que se possa obter o êxito das mulheres serem reconhecidas como escritoras. Cabe esclarecer que não será uma tarefa fácil, contudo, é preciso superar as ideologias negativas e fortalecer as reivindicações femininas, pois as mesmas contribuíram e contribuem para a história e para a memória cultural do nosso país que é multicultural.

No sistema educacional, o desenvolvimento do aluno como leitor literário vai contribuir efetivamente para a ampliação da autonomia e da perspectiva crítica do aluno. Contribuindo para erradicar o preconceito nas escolas.

Por fim, é necessário tomar conhecimento que a ausência da literatura feminina afrodescendente e africana nos livros didáticos de língua portuguesa influencia de forma negativa a inferiorização da mulher na literatura. Bem como cria estereótipos de desigualdade, mostrando a pouca valorização da escrita negra feminina no processo de construção da identidade literária brasileira.

## **VOCES LITERARIAS DE LAS MUJERES AFRICANAS Y AFRODESCENDIENTES: UN ANÁLISIS DE LOS LIBROS DE TEXTO DE LA LENGUA PORTUGUESA**

### **RESUMEN**

Este estudio pone de relieve la importancia de reflexionar sobre la escritura de la mujer en el contexto de las representaciones de las raíces africanas y afro-brasileñas, como lo demuestra la obligación de la historia africana y la enseñanza de la cultura, ya que orienta la Ley 10.639 / 03. Para la realización de la ley, es necesario que la importancia de la cultura africana y afro-brasileña ratificado de materiales de enseñanza en el sistema educativo brasileño. En este sentido, la literatura desempeña un papel clave en la lucha por la igualdad de derechos, especialmente de las mujeres negras que reclaman su espacio como escritoras. Por lo tanto, el objetivo de la investigación es analizar el enfoque que el libro de texto "Sea protagonista: Portuguesa" (2013) es de la literatura africana y afro-descendientes de los autores de sexo femenino. El marco teórico consistió en autores como Carneiro (2003), Evaristo (2005), Trabajo (2015), además de documentos tales como las Directrices Curriculares Nacionales para la Educación de las relaciones étnico-raciales y de la enseñanza de la cultura afro-brasileña y África (BRASIL, 2004). Se entiende que este trabajo es relevante para los estudios realizados por la comunidad académica, proporcionada por la "Especialización en Historia y cultura africana y afro-brasileña" por supuesto, así como profesionales de la educación y los investigadores interesados en el tema. La investigación identificó que el análisis de los libros de texto no favorece el uso y difusión de la literatura escrita por mujeres negras africanas y afro-brasileña.

**Palabras- clave:** Literatura. Afrofemininas. Libro de texto

## REFERÊNCIAS

AMARAL, João José Ferreira. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza: Cortez, 2007.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 1, de 17 de junho 2004**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História Cultural Afro-Brasileira e Africana. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2004a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Parecer Homologado 003/2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História Cultural Afro-Brasileira e Africana. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2004b. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp\\_003.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional do Livro Didático**. Brasília: MEC, 2008.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BAIROS, Luiza. **Nossos feminismos revisitados**. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, vol. 3, nº 2, p. 458/63, 1995.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS

SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

DUARTE, Vera. **Amanhã amadrugada**. 2. ed. Praia: IBNL, 2008.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. In: **Revista Palmares - Cultura Afro-brasileira**. Ano 1, n. 1, ago. 2005. p. 52-57

IZIDORIO, Barbara da Silva. **Livro didático de Língua Portuguesa: Uma análise discursiva**. Tese de Mestrado da Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: <[http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wpcontent/uploads/2014/04/barbara\\_da\\_silva\\_izidorio.pdf](http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wpcontent/uploads/2014/04/barbara_da_silva_izidorio.pdf)>. Acesso em: 05 fev. 2016.

JOB, Sandra Maria. **Cânone, Feminismo, Literatura: Relações e Implicações**. Revista eletrônica Falas Breves, Literatura & Sociedade. Breves-PA, fev/2015, v. 2. Disponível em: <<http://www.falasbreves.ufpa.br/artigos/segunda-edicao/sandra-maria-job.pdf>>. Acesso em: 02 mar. de 2016.

LITERAFRO. Literatura afro-brasileira. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literafro/>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

LOPES, Vera Neusa. Diversidade étnico-racial no currículo escolar do ensino fundamental. In: **Currículo, Relações raciais e Cultura Afro-brasileira**. Salto para o Futuro: Boletim 20. Outubro, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2 ed. Revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 1996. Disponível em: <<http://www.uel.br>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

QUILOMBHOJE LITERATURA. Disponível em: <<http://www.quilombhoje.com.br>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

NASCIMENTO, Abdias do; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn (orgs.). **Tirando as máscaras: ensaio sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

NICOLA, José de. **Língua, Literatura e Redação**. São Paulo: Scipione, 1990.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 2004. Disponível em: <[www.direitoshumanos.usp.br](http://www.direitoshumanos.usp.br)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

PEREIRA, Letícia Maria de Souza; PEIXOTO, Fabiana de Lima. **Literatura Brasileira e Literatura Afro-Brasileira**. Disponível: <<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Culhist%20afrobras/Curso%20de%20Forma%C3%A7%C3%A3o/M%C3%B3dulo%203%20Literatura%20Afro-Brasileira.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

ROCHA, Helena do Socorro Campos da. **A Experiência com a Lei N°10.639/03 CEFET-PA: Formação Inicial e Continuada**. IN: COELHO, Wilma de Nazaré Baía, Mauro Cezar (Org.). Raça, cor e diferença: a escola e a diversidade. Belo Horizonte: MAZZA, 2008.

SALGUEIRO, Maria A. A. **Afro-Brasilidade e Literatura**. UERJ em Questão, Rio de Janeiro, n° 74, p. 2, 30 nov. 2001.

SER PROTAGONISTA: Língua Portuguesa. 3° ano: Ensino Médio. 2 ed. Obra coletiva. Editor responsável: Rogério de Araújo Ramos. São Paulo: Edições SM, 2013.

SOUZA, Florentina. **Literatura Afro-Brasileira**: algumas reflexões. In: Revista Palmares – Cultura Afro-Brasileira. Ano 1 – N° 2 – Dezembro 2005. p. 64-72.